

Reformistas e revolucionários

as lutas internas do movimento operário pernambucano e a formação do Grupo Comunista de Recife
(1917-1922)

Frederico Duarte Bartz

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

BARTZ, FD. Reformistas e revolucionários: as lutas internas do movimento operário pernambucano e a formação do Grupo Comunista de Recife (1917-1922) In: OLIVEIRA, TB., org. *Trabalho e trabalhadores no Nordeste: análises e perspectivas de pesquisas históricas em Alagoas, Pernambuco e Paraíba* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2015, pp. 113-140. ISBN 978-85-7879-333-3. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Reformistas e revolucionários: as lutas internas do movimento operário pernambucano e a formação do Grupo Comunista de Recife (1917-1922)

Frederico Duarte Bartz

INTRODUÇÃO

A classe operária pernambucana construiu uma das mais importantes experiências de organização e mobilização social da Primeira República, que tornou a cidade de Recife reconhecida como um dos principais centros de mobilização dos trabalhadores no início do Século XX. A experiência das lutas sociais em Pernambuco (mais especificamente, em Recife) dotou o movimento dos trabalhadores organizados desse estado de uma série de singularidades em relação a outras regiões do Brasil, como São Paulo e Rio de Janeiro. Uma dessas características é a participação de membros da elite intelectual e política da região com os trabalhadores organizados, mesmo em momentos de profundo conflito social. Esse fato não ocorreu apenas com os trabalhadores e com a elite pernambucana, porque, nesse estado da Federação, a interação de membros da intelectualidade com os militantes, assim como de sindicalistas libertários com socialistas reformistas, teve resultados bastante distintos do que se verificou no centro e no sul do Brasil.

Neste artigo, produzido a partir das pesquisas que realizei para minha tese de Doutorado – *Movimento Operário e Revolução Social no Brasil*¹ – analiso as lutas internas no movimento operário de Pernambuco, desde o início das grandes greves, em 1917, até a fundação do PCB, em 1922. Apesar da atuação destacada das lideranças libertárias entre os trabalhadores, nesse período, houve uma participação cada vez mais ativa de intelectuais oriundos da Faculdade de Direito de Recife no interior do movimento operário, o que foi motivo de uma série de conflitos entre os militantes. A ação desses intelectuais e de um grupo de sindicalistas próximos a eles resultou na formação do Centro de Estudos Sociais, em 1920, e preparou terreno para a formação do Grupo Comunista de Recife em 1922.

Os sindicalistas puros e os adventícios: o período das grandes greves e as lutas internas no movimento operário pernambucano

Assim como em outras partes do Brasil, Pernambuco viveu intensas mobilizações operárias entre 1917 e 1922, com greves de grandes proporções e intensas mobilizações populares. Desde 1914, militantes anarquistas ligados à Confederação Operária Brasileira, como José Elias da Silva, tentavam organizar os trabalhadores pernambucanos através dos princípios do sindicalismo revolucionário. Para esse fim, fundaram a Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras. Nessa tarefa, os militantes libertários combatiam a influência dos socialistas organizados na Confederação Operária de Pernambuco (COP), que tinha uma política de colaboração com o governo estadual². Essa tensão seria exacerbada em agosto de 1917, quando uma grande paralisação de trabalhadores foi organizada pelas lideranças libertárias,

-
- 1 BARTZ, Frederico Duarte. **Movimento Operário e Revolução Social no Brasil**: ideais revolucionárias e projetos políticos dos operários organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922. Porto Alegre: Tese de Doutorado em História/UFRGS, 2014.
 - 2 REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **A classe operária em Pernambuco**: cooptação e resistência (1900-1922). Campinas: Dissertação de Mestrado em História/UNICAMP, 1981, p. 68-73.

que formaram uma Comissão de Greve reunida no Sindicato de Ofícios Vários da capital pernambucana, uma vez que a Federação de Resistência havia se desmantelado nos anos anteriores.

Seguindo, em parte, o modelo apresentado pelas greves em outros pontos do país, os militantes apresentaram uma lista de reivindicações, em que se encontravam exigências como o estabelecimento da jornada de 8 horas, a equiparação dos salários entre homens e mulheres e medidas de higiene nos locais de trabalho³. Também havia pedidos que beneficiariam toda a população, como a diminuição dos aluguéis, dos preços dos gêneros alimentícios e das taxas de transportes terrestres e fluviais. A greve generalizada se alastrou por diversas categorias de trabalhadores de Recife e paralisou a vida econômica da cidade. O Presidente do Estado, Manoel Borba, respondeu ao movimento com críticas severas e uma dura repressão, enquanto seu Chefe de Polícia entrava em negociação com a COP, adepta do sindicalismo reformista⁴.

Depois desse movimento e da conseguinte repressão, houve um refluxo do sindicalismo de resistência e da atuação dos militantes anarquistas⁵. Esse recuo foi apenas momentâneo, pois as condições de vida dos trabalhadores continuavam se deteriorando, por meio de um processo que remontava ao início da Primeira Guerra Mundial. Na Europa, um movimento revolucionário de grandes proporções estava se desenvolvendo na Rússia, que se radicalizaria com a vitória dos bolchevistas em novembro de 1917, alimentando com seu exemplo as esperanças de mudança social em todo o mundo. De forma similar ao que ocorreu em outras partes do Brasil, os trabalhadores pernambucanos também

3 Para um breve relato das greves em São Paulo e em Porto Alegre, com suas pautas de reivindicações, ver OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1936)**. Niterói: Tese de Doutorado em História/UFF, 2009, p. 98-110.

4 MOREIRA, Aloísio Franco. A greve de 1917 em Recife. **Clio**, Recife, n.23, p. 45-70, 2007.

5 O Presidente Manoel Borba havia conduzido uma política de repressão muito dura após a greve generalizada de 1917. Além disso, somavam-se, nesse contexto, as tentativas de cooptar para um projeto político eleitoral, através da fundação de um Centro Republicano Operário, em outubro de 1917, e uma propaganda sistemática contra os militantes revolucionários. REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. Aspectos do movimento operário e socialista em Pernambuco. In. BEZERRA, Aurélio de Meneses et alii (orgs.). **Manifestações operárias e socialistas em Pernambuco**. Recife: NEEPD/UFPE, 2011, p. 18-22.

passaram a se referenciar pelas ações dos maximalistas⁶ russos, retomando sua mobilização e radicalizando suas reivindicações.

A partir do ano seguinte – 1918 - as associações de trabalhadores de Recife passariam por um profundo processo de reorganização, com a concentração dos sindicatos mais combativos em torno do jornal *Tribuna do Povo*, criado pelo militante libertário, Antônio Bernardo Canellas, recém-chegado do vizinho estado de Alagoas⁷. No momento de sua fundação, em março de 1918, esse periódico surgiu como principal órgão de combate voltado para a classe trabalhadora recifense e a pernambucana. Com o passar do tempo, o jornal que Canellas havia fundado passou a receber o apoio de outros militantes, como o do socialista Alcides Rosa, e se tornou mais dinâmico, informando sobre a atividade sindical local e de outros estados, já que o *Tribuna do Povo* passou a ter agentes em Alagoas e na Paraíba⁸.

Esse dinamismo se refletiu na possibilidade de representar diversas associações operárias sediadas em Recife. No dia 10 de julho, o *Tribuna do Povo* apareceu como órgão da Sociedade União dos Estivadores de Pernambuco; no dia 20 desse mesmo mês, ligou-se à representação da União de Resistência dos Trabalhadores em Armazém e Carregadores; no dia 10 de agosto, da União dos Fundadores e Agulheiros; no dia 20, da União dos Carvoeiros. O jornal, que defendia o sindicalismo revolucionário e o anarquismo, havia se tornado um ponto importante de agregação dos trabalhadores organizados na capital pernambucana. Essa reorganização resultou na refundação da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco, de orientação sindicalista, cujas bases de acordo foram publicadas dia 20 de novembro, e no dia 1º de dezembro, o *Tribuna do Povo* já apareceria como seu

6 “Maximalista” era a tradução da época para o termo “bolchevista”.

7 Antônio Bernardo Canellas era um dos principais líderes do movimento operário de Alagoas. Fundou o primeiro jornal *Tribuna do Povo*, na cidade de Viçosa, em 1916, e *A Semana Social* em Maceió, em 1917. Esse periódico tinha a colaboração de Otávio Brandão, militante comunista, que, depois de se desligar do anarquismo, faria a primeira tradução brasileira de *O Manifesto Comunista*, de Marx e Engels, em 1923.

8 O apoio de Alcides Rosa seria publicado já no segundo número do jornal, em 10 de março. As primeiras notícias operárias apareceram no número seguinte, de 20 de março. A informação dos agentes em outros estados surgiu, pela primeira vez, no dia 1º de abril de 1919.

órgão oficial⁹.

Durante o ano de 1919, Antônio Bernardo Canellas partiu para uma viagem à Europa como delegado da Federação de Resistência de Pernambuco na Conferência Sindical de Berna. Como ele não chegou a tempo para participar do evento, o militante ficou em Paris, aguardando o início do Congresso Sindicalista de Amsterdã. Em sua estadia na capital francesa, Canellas percebeu, de forma muito negativa, a atitude cada vez mais moderada da Confédération Générale du Travail (CGT), cujos líderes teriam mesmo ajudado a boicotar uma greve geral europeia. Além dessa decepção com o sindicalismo francês, Canellas tornou mais aguda sua crítica contra o reformismo dos partidos socialistas e trabalhistas europeus, cuja ação respondia mais aos interesses das forças políticas tradicionais de seus respectivos países do que às necessidades da classe trabalhadora do continente. Ao fim e ao cabo, a permissão para a viagem até a Holanda foi negada, e Canellas teve de voltar ao Brasil no mês de setembro, mas sua experiência entre os trabalhadores do ‘Velho Mundo’ influenciou, decisivamente, sua atitude em relação aos sindicatos quando de seu retorno a Pernambuco¹⁰.

Enquanto Canellas aguçava sua crítica contra o socialismo parlamentar e o sindicalismo reformista em Paris, na cidade de Recife, uma personalidade importante aproximava-se do movimento operário: Joaquim Pimenta, professor da Faculdade de Direito. Mais ou menos nesse mesmo período, começou a ter cada vez mais influência entre os trabalhadores organizados um grupo de jovens oriundos da mesma universidade, que se sentiam atraídos pelas ideias revolucionárias, entre os quais se encontravam Cristiano Cordeiro e Rodolpho Coutinho. Esses estudantes

9 **Tribuna do Povo**, Recife, 25 nov. 1919, p. 4; 1º dez. 1919, p. 1.

10 Sobre as impressões de Canellas em sua viagem, ver CANELLAS, Antônio Bernardo. **Relatório da viagem à Europa realizada por Antônio Bernardo Canellas em missão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco (21 de janeiro a 6 de setembro de 1919)**. Recife: Edição do autor, 1920. Sobre o sindicalismo francês desse período, ver COLSON, Daniel. A crise do sindicalismo revolucionário na França e a emergência do fenômeno comunista. In: COLOMBO, Eduardo et alii (orgs.). **História do Movimento Operário Revolucionário**. São Paulo: Imaginário; São Caetano do Sul: Imes, 2004, p. 291-322.

e bacharéis se aproximaram do movimento operário também por uma questão teórica, pois tinham interesse filosófico pelo marxismo. Essa entrada dos intelectuais na militância, embora não se trate, necessariamente, de uma consequência direta da atuação de Pimenta, reforçou o caráter heterogêneo do movimento operário pernambucano e tirou o espaço de lideranças puramente libertárias.

Pelas informações que chegaram através das memórias dos participantes dessas lutas, o Professor Joaquim Pimenta não era uma figura comum na elite intelectual de Recife, pois participava de comícios operários e se vestia com capa e boina de bolchevista, tratando seus companheiros de camaradas¹¹. Apesar desse carisma popular, ele também tinha ligações com segmentos da elite política local e apoiara o Presidente Manoel Borba contra a facção do General Dantas Barreto nas eleições estaduais de 1915. Pimenta também tinha ligações com setores militares, tanto que muitos de seus *meetings* eram guardados pelo Tenente Cleto Campelo. Ele não era apenas um intelectual que apoiava o movimento revolucionário dos trabalhadores (como Affonso Frederico Schimidt, em São Paulo), mas também um membro da elite intelectual do Estado que oferecia e procurava apoio nas classes populares, ao mesmo tempo em que atuava no campo da 'grande política'¹².

Ao voltar para Recife, no mês de setembro de 1919, Antônio Bernardo Canellas assistiu ao crescimento da influência de Joaquim Pimenta com olhos muito críticos. Conforme explicou Michel Zaidan, em suas *Notas sobre a origem do PCB em Pernambuco: 1910-1930*, durante a greve dos trabalhadores da Tramways, em setembro de 1919, os gerentes das empresas se recusavam a receber os representantes dos trabalhadores. Por essa razão, a Federação de Resistência convidou Joaquim Pimenta para assessorar juridicamente a comissão de negociação. A partir desse

11 BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz et alii. **O ano vermelho**: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil. São Paulo: Expressão Popular, 2004, p. 258.

12 CORDEIRO, Cristiano. Depoimento a Ricardo Noblat. **Memória e História**: Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro, São Paulo, LECH, 1982, p. 82-83.

momento, a influência do professor socialista só cresceria entre os trabalhadores, já que a greve acabou com um desfecho vitorioso para os grevistas¹³. Outro sinal identificável de uma mudança de orientação foi a substituição do jornal *Tribuna do Povo*, que havia sido fundado por Canellas, pelo *A Hora Social*, como órgão oficial da Federação de Resistência, sendo que esse último tinha um caráter muito mais popular do que o anterior, que era mais claramente sindicalista.

De forma concomitante a essa inflexão, também se seguiram greves derrotadas e um crescimento da repressão, como de resto ocorria em todo o Brasil. A ameaça da dispersão do movimento era lembrada em um artigo do *A Hora Social*, que pedia pela “Centralização de Forças”, em sua edição do dia 21 de dezembro de 1919. O articulista culpava a reação pela desolação entre os militantes, conforme se lê: “Ao insucesso do último movimento devido tão somente à poderosíssima reação organizada do nosso incipiente capitalismo, deve-se apenas esse ambiente desolador que vai pelos sindicatos pernambucanos”¹⁴. Essa situação acabou sendo propícia para o crescimento da influência reformista, devido ao recuo dos militantes mais combativos, criando condições favoráveis para a cisão que ia se desenhando no horizonte. No mês de março de 1920, foi reeditado, em número único, o *Jornal Tribuna do Povo* para criticar essa influência do socialismo reformista entre os operários e defender o sindicalismo revolucionário como a única forma de ação legítima para os militantes. Um dos artigos do jornal fazia um breve histórico das lutas operárias no Estado e encontrava as razões para sua decadência exatamente na entrada desses elementos “estranhos” à classe operária:

O maior obstáculo que em Pernambuco encontrou a propaganda sindicalista, foi a tendência político-partidária do povo trabalhador dessa

13 Z Aidan, Michel. Notas sobre a origem do PCB em Pernambuco: 1910-1930. In: BÉZERRA, Aurélio de Meneses et alii, *op. cit.*, p.114. Sobre a greve, ver REZENDE, Antônio Paulo de Morais. *A classe...*, *op. cit.*, p.90-114.

14 *A Hora Social*. Recife, 21 dez. 1919, p. 1.

terra, tendência que elementos pouco escrupulosos desenvolviam em seu proveito.

Mas os sindicalistas puros, que nesse tempo – como ainda hoje – eram apenas um punhado de denodados, abriram contra essa tendência e contra esses elementos uma campanha memorável, cujo coroamento foi a destruição da *soi disant* Confederação Operária de Pernambuco e a constituição do Sindicato dos Estivadores, e dos Ofícios Vários. Essas duas organizações, impulsionadas por um punhado de abnegados que constitui a maior parte do nosso grupo, realizaram em Pernambuco uma colossal obra de propaganda, cujos melhores frutos começaram a aparecer nos fins de 1918 e chegaram a sua completa maturação em Julho de 1919.

Aí é que começou o declínio porque os semeadores da seara não eram quem iam ceifa-la, porque uma meia-dúzia de adventícios suspeitos empolgou a situação, ficando a margem aqueles que tudo fizeram para que essa situação fosse tão brilhante e promissora. A organização operária tinha nessa época – Agosto a Novembro de 1919 – aparência de progresso, mas estava fatalmente condenada ao declínio porque a ideia que a fizera progredir – o sindicalismo revolucionário – estava sendo abandonada para se seguirem as novas (?) ideias do socialismo-reformista. Antes mesmo de essa pústula do socialismo reformista vir a furo, já estava envenenando o corpo da organização operária pernambucana com seus humores malignos¹⁵.

No restante do texto, o autor do artigo acusava os “adventícios”

15 **Tribuna do Povo**. Recife, 8 mar. 1920, p. 3.

(que se supõe serem Joaquim Pimenta e os intelectuais da Faculdade de Direito de Recife) de terem se transformado em chefes do movimento para, depois, abandoná-lo, porque não atendiam às suas necessidades pessoais. Aqueles que restaram afastavam os militantes da velha guarda, segregando os sindicalistas: “Eles fizeram monopólio do sindicalismo, decerto para dá-lo a qualquer aventureiro político”¹⁶. A ligação de Joaquim Pimenta com a facção política de Manoel Borba fazia com que sua influência sobre a classe operária fosse interpretada como uma forma de lhe trazer dividendos políticos, sob o risco de transformar o movimento em massa de manobra.

O autor das acusações era, provavelmente, Antônio Bernardo Canellas, que já havia sido o organizador do *Tribuna do Povo* entre os anos de 1918 e 1919. A reedição de seu antigo periódico estaria ligada a uma iniciativa mais ampla de crítica ao reformismo e à colaboração de classes, preocupação que também se refletia em um projeto educacional que ele pretendia desenvolver entre os trabalhadores de Pernambuco. Nesse mesmo período, nos primeiros meses do ano de 1920, Canellas se dedicou a ministrar uma série de conferências para os trabalhadores sobre a necessidade de instruir o proletariado com o objetivo de sua emancipação, defendendo a instalação de uma escola que estivesse voltada para esse fim.

Nessas palestras, cujo título era “Uma obra necessária”, o militante fazia muitas referências à sua estadia em Paris, que lhe marcaram de forma decisiva, principalmente no modelo de escola nova de Sébastien Faure (chamada La Ruche), que se voltava para a educação técnica, moral e intelectual dos filhos dos trabalhadores. Um dos aspectos mais interessantes dessa ideia era a formação de operários como elemento importante para que compreendessem o verdadeiro socialismo e poder implantá-lo, já que o fracasso dessa tentativa vinha do fato de a maior parte dos trabalhadores não compreendê-lo plenamente. Não seria o caso de se aliar a intelectuais ou membros mais esclarecidos da elite, mas de tornar o trabalhador um intelectual que também pudesse

16 Ibidem.

criar: “Não quero a aliança da inteligência com o trabalho: quero antes um trabalhador inteligente. A inteligência terá de ser um atributo do trabalhador e não um atributo de um aliado do trabalhador, que sempre considera sua aliança uma ‘proteção’ e não quer ser ouvido, mas sim obedecido”¹⁷.

Apesar de Antônio Canellas citar diversas vezes a influência negativa do socialismo reformista, essa disputa entre as tendências do movimento operário não ganhou contornos de confronto teórico. Uma prova disso é que o jornal *A Hora Social*, dirigido pelo militante Antônio Correia, aliado ao grupo de Joaquim Pimenta, diversas vezes defendeu as ideias libertárias. No dia 21 de fevereiro, apareceu, na primeira página do jornal, o texto do anarquista italiano, Errico Malatesta, *Socialismo e Anarquia*¹⁸, e, no dia 28, foi publicado “*Porque somos anarquistas*”¹⁹. Em sequência, esse órgão da Federação de Resistência continuava a não abandonar a defesa das ideias revolucionários, tanto que, em sua preparação do 1º de maio de 1920, publicou, com letras garrafaís, a seguinte chamada: “Trabalhadores de Pernambuco: preparai-vos para a Revolução Social”²⁰. Nesse mesmo número, porém, apareceu publicada uma carta aberta do militante J. Elesbão ao diretor Antônio Correia, que fazia referência à desconfiança mútua que tomava conta dos membros da Federação, em decorrência dos boatos sobre a formação de um partido parlamentar entre os militantes operários. Nesse caso, mais do que uma adesão aos princípios do socialismo reformista, tratava-se de uma tentativa de cooptar os militantes que defendiam ideologias revolucionárias (anarquistas, sindicalistas revolucionários ou bolchevistas) em torno de um projeto político que se destinava à luta política eleitoral.

De fato, Joaquim Pimenta informara, através de suas memórias, que, nesse período, pensou em formar um Partido Socialista Pernambucano (PSP), inclusive já teria seu programa pronto,

17 CANELLAS, Antônio Bernardo. **Uma obra necessária**: conferência sistemática em propaganda da Colmeia, por Antônio Bernardo Canellas (resumo). Recife: Edição do Autor, 1920, p.30-31.

18 *A Hora Social*, Recife, 21 fev. 1920, p. 1.

19 *A Hora Social*, Recife, 28 fev. 1920, p. 1.

20 *A Hora Social*, Recife, 30 abr. 1920, p. 1.

mas desistiu da ideia devido à oposição que encontrou entre alguns setores dos trabalhadores²¹. Se o PSP não se concretizou, alguns militantes que atuavam na Federação de Resistência – como era o caso de Antônio Correia – e os jovens intelectuais oriundos da Faculdade de Direito de Recife – entre os quais, Rodolpho Coutinho e Cristiano Cordeiro – formariam, no mês de maio de 1920, o Centro de Estudos Sociais, que tinha como objetivo unir os trabalhadores intelectuais e manuais em um mesmo projeto político. Nesse momento, a Federação de Resistência, através do *A Hora Social*, lançava uma moção para unir todos os grupos operários que defendiam ideias revolucionárias, enquanto procurava desmentir, a todo custo, os boatos sobre a formação de um partido político²².

O atrito entre o grupo que seguia Canellas e o grupo próximo a Pimenta teve um desfecho que não era difícil de prever, pois o resultado dessa disputa foi a divisão das associações sindicais de Pernambuco em duas federações: de um lado, a Federação de Resistência das Classes Trabalhadores de Pernambuco, onde se agrupavam os apoiadores de Pimenta e, de outro, a Federação Sindicalista de Pernambuco, onde se congregavam os apoiadores de Canellas. Esse problema chegou a ser tratado no Boletim da Comissão Executiva do 3º Congresso Operário Brasileiro, publicado em junho daquele ano, quando sua comissão executiva tentou intervir para acabar com a divisão:

Há meses, surgiu uma desavença no seio do operariado pernambucano, em consequência de fatos que foram interpretados como perturbadores das normas sindicalistas revolucionárias. Provocou isso uma cisão que separou algumas associações da Federação das Classes Trabalhadoras, reunidas depois na Federação Sindicalista. Esse fato preocupou seriamente os militantes

21 REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *A classe...*, *op. cit.*, p. 123.

22 *A Hora Social*, Recife, 8 maio 1920, p. 1-2. A notícia de fundação e a moção ocuparam a mesma primeira página dessa edição, enquanto o desmentido ocupava a página 2.

do nosso meio, sendo ventilado no Congresso, e serviu também como objeto de atenção à C.E. [Comissão Executiva], que resolveu esforçar-se no sentido de se conseguir restabelecer a harmonia entre companheiros em divergência²³.

A Federação Sindicalista surgiu levando as associações dos operários gráficos, trabalhadores em fábricas de tecidos, alfaiates, entre outras categorias. Esse sindicato passou a editar um jornal chamado *Avante*, cujo primeiro número saiu no dia 9 de junho de 1920, defendendo abertamente o sindicalismo revolucionário contra o reformismo e criticando duramente o caminho que havia tomado a Federação de Resistência. Em seu primeiro número, existe uma crítica ao Centro de Estudos Sociais, como se esse fosse um espaço em que a maioria dos participantes poderia ter boas intenções, mas alguns teriam “mania parlamentarista” e manteriam vivo o projeto da criação de um partido político²⁴. A existência do *Avante* parece ter provocado uma reação no *jornal A Hora Social*, pois seus principais redatores enviaram uma proposta à Federação para reformular o jornal, dando-lhe um caráter mais claramente anarquista, apesar da orientação sindicalista revolucionária que era seguida pelos sindicatos²⁵. Segundo eles alegaram, a mudança se devia ao desconhecimento da doutrina anarquista no meio sindical, o que enfraquecia a ação dos trabalhadores. No entanto, essa reação pode ser atribuída tanto às dificuldades por que o movimento passava, pelo seu refluxo, quanto pela existência de outro polo agregador que lhe fazia oposição, representado pelo *Avante*.

A querela mantida entre as duas tendências do movimento operário só se resolveu no mês de setembro de 1920, quando as duas organizações decidiram se dissolver, com a demissão dos seus antigos delegados, para formar uma nova federação, a União Geral dos Trabalhadores de Pernambuco, que editaria um novo

23 **Boletim da Comissão Executiva do 3º Congresso Operário Brasileiro**, São Paulo, n.º 1, ago. 1920, p.19-20.

24 **Avante**, Recife, 9 jun. 1920, p. 2.

25 **A Hora Social**, Recife, 21 fev. 1920, p. 1.

órgão de imprensa chamado *A Vanguarda*²⁶. O *Avante* desapareceu, e Canellas foi deportado para o Rio de Janeiro, de onde empreendeu uma nova viagem para a França, com o intuito de, a partir de Paris, alcançar a cidade de Moscou²⁷. *A Hora do Povo* se transformou em um “órgão do povo e para o povo” e continuou a ser publicada pelo menos até o final de 1920. Quanto a Joaquim Pimenta, o professor ainda exerceria forte influência entre os operários de Pernambuco e, mais especificamente, entre os membros do Centro de Estudos Sociais, como se verá mais adiante.

Do Centro de Estudos Sociais ao Grupo Comunista de Recife: as organizações políticas dos reformistas e revolucionários

Na primeira parte deste artigo, analisei a formação de dois grupos (ou dois ‘partidos’) dentro do movimento operário pernambucano, entre os anos de 1918 e 1920, em um processo que foi identificado pelos próprios militantes como uma crise que abalou a força de mobilização dos trabalhadores do Estado. Essa crise está diretamente ligada ao processo que daria origem ao Grupo Comunista de Recife, apenas dois anos depois, em 1922. Porém, não foi somente em Pernambuco que as organizações operárias se viram divididas, e os trabalhadores refluíram em suas mobilizações nesse período: esse era um processo que estava ocorrendo em outras regiões do Brasil, em parte, devido à força da repressão que desarticulava os militantes, em parte, por causa das críticas que várias lideranças anarquistas faziam contra a influência

26 *Avante*, Recife, 4 set. 1920, p. 2.

27 Não encontrei referências seguras quanto ao momento em que Canellas teria partido da cidade de Recife e em qual situação isso teria acontecido. Joaquim Pimenta apontou em suas memórias que ele teria sido deportado para o Rio de Janeiro quando fazia propaganda de sua escola para trabalhadores. PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado**: fatos que vivi e episódios que testemunhei. Rio de Janeiro: Editor A. Coelho Branco Filho, 1949, p. 203. Em maio de 1920, ele ainda se encontrava no Nordeste brasileiro, pois *A Hora Social* criticava, em sua edição do dia 22, as conferências que Canellas estava proferindo no estado da Paraíba. Além disso, ele publicou um texto intitulado “Minha propaganda”, no primeiro número do *Avante*, em 9 de junho de 1922. Por essa razão, acredito que ele tenha saído de Recife, em algum momento entre junho, quando o *Avante* começou a ser editado, e setembro de 1920, quando houve uma grande onda repressiva sobre os militantes (pela qual ele poderia ter sido deportado).

da Revolução Russa entre os trabalhadores organizados²⁸. Nesse caso, a crise tinha um aspecto ideológico, pois dividia os trabalhadores entre aqueles que permaneciam fiéis aos ideais libertários dos anarquistas e outros que passavam a se identificar com o bolchevismo e que iriam formar, posteriormente, núcleos comunistas que dariam origem ao PCB. Não foi isso o que aconteceu em Pernambuco, onde a formação do Grupo Comunista de Recife passou por uma adesão de intelectuais ao movimento operário e devido à simbiose do socialismo reformista com o radicalismo em defesa da Revolução Social.

Ao se analisar o processo que dividiu os operários de Recife e os argumentos dos ‘canellistas’ e dos ‘pimentistas’, não se percebe uma divisão ideológica tão explícita entre os grupos, tampouco uma oposição muito clara entre dois modelos de Revolução Social (como no caso do anarquismo e do bolchevismo). O que, realmente, está colocado é uma divisão que teve origem na influência de Joaquim Pimenta e de outros “adventícios” entre os trabalhadores organizados. O movimento operário de Pernambuco tinha, nesse período, um caráter bem mais policlassista que os do Rio de Janeiro e de São Paulo. Conforme Vamireh Chacon, em sua *História das Ideias Socialistas no Brasil*, haveria em Pernambuco uma tradição de lutas nativistas que aproximariam os intelectuais dos movimentos populares, como pode ser observado, por exemplo, na Revolução Praieira de 1848, que foi uma das primeiras revoltas brasileiras influenciadas pelas ideias socialistas²⁹. Pimenta havia sido uma ponte entre a elite intelectual e o movimento operário - conforme ele mesmo afirmara em suas memórias, usara concepções do materialismo histórico de Karl Marx e Friedrich Engels em sua tese de admissão à docência na Faculdade de Direito. Nessa ocasião, ouviu de um de seus futuros colegas que ele

28 Para alguns exemplos dessas críticas em outras partes do Brasil, especialmente em São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, consultar OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo...**, *op. cit.*, p. 158-167 e BONOMO, Alex Buzeli. **O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História/PUC-SP, 2007, p. 160-166.

29 Sobre essa revolta, ler o capítulo “A geração quarante-huitard em Pernambuco”, em CHACON, Vamireh. **História das ideias socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965, p. 22-100.

se tornara conhecido por defender ideias “anarquistas” quando aluno daquela instituição³⁰.

Durante o período das grandes greves, não só Joaquim Pimenta, mas também outros bacharéis e estudantes se aproximaram dos trabalhadores de Recife para prestar apoio às suas reivindicações. Durante a greve dos operários da Companhia Tramways, em julho de 1919, uma grande passeata foi organizada pelos estudantes de Direito em desagravo à maneira como Pimenta havia sido tratado pelo superintendente daquela empresa, ato que contou com cerca de mil pessoas, a maior parte delas composta de grevistas³¹. Em outubro de 1919, foi publicado em *A Hora Social* um telegrama da Juventude Socialista, que dizia contar com um grande número de jovens das escolas superiores de Recife em protesto contra os estudantes paulistas que haviam auxiliado no trabalho de repressão aos trabalhadores³².

Alguns desses jovens estudantes ou bacharéis ligados a Joaquim Pimenta se tornariam líderes importantes do movimento operário pernambucano. Mesmo que parte de sua legitimidade viesse de sua ligação com uma liderança reformista (que, por sua vez, tinha ligação com as elites políticas locais), esses jovens militantes não deixavam de apresentar um discurso revolucionário, que dizia apoiar a Revolução Russa e defendia os ideais libertários, como pode ser visto nas páginas de *A Hora Social*. Também é verdade que esses militantes atuaram na mobilização dos trabalhadores e em sua organização com tanta legitimidade quanto o grupo dos sindicalistas puros de Antônio Canellas. Desse modo, o grupo dos pimentistas tanto pode ser considerado reformista, devido à ligação com o professor Joaquim Pimenta, quanto revolucionário, por causa de sua defesa veemente da Revolução Social e de sua atuação junto com os trabalhadores.

Como afirma Tiago Bernardon de Oliveira, é necessário estudar mais a fundo as propostas reformistas e como elas interagiram em projetos mais radicais, em uma sociedade marcada por

30 PIMENTA, Joaquim, *op. cit.*, p. 184-185.

31 REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *A classe...*, *op. cit.*, p. 102-103.

32 *A Hora Social*, Recife, 27 out. 1919, p. 1.

intenso conflito e exclusão social³³. Nesse caso específico, em um momento de radicalização das lutas sociais, alguns intelectuais articularam o desejo de reforma social, que era alimentado pela tradição de lutas nativistas, com as ideias mais radicais de Revolução Social. A passagem da reforma para a revolução não foi um fenômeno incomum naquele período, principalmente em outros países latino-americanos, onde militantes socialistas, influenciados pela Revolução Russa, romperam com seus partidos para formar agrupações comunistas³⁴. O fato de não existirem partidos socialistas bem organizados em Pernambuco ou em algum outro espaço de representação política para os socialistas orientou esses militantes, ávidos de mobilização social, para os sindicatos, onde disputariam espaço com militantes libertários avessos a qualquer ligação com a elite política.

A principal organização desse grupo de militantes, que defini já no título deste artigo como ‘reformistas e revolucionários’, foi o Centro de Estudos Sociais (CES). O CES foi fundado em Recife, no dia 18 de maio de 1920. Sua formação foi noticiada pelo jornal *A Hora Social*³⁵. Em seu manifesto de divulgação, que havia sido publicado no dia 8 daquele mesmo mês, seus organizadores afirmavam sentir necessidade de auxiliar os trabalhadores a resistirem contra a igreja, o Estado e a burguesia. Para esse fim, havia sido tomada a decisão de fundar o CES, que se estruturaria a partir da criação de um curso de Sociologia, um clube de debates, um curso de propaganda para formar oradores e jornalistas operários, a formação de uma biblioteca, de uma Liga Proletária de Educação com escolas primárias e um liceu e de um grupo dramático, para tornar mais eficientes os efeitos da propaganda. Os fundadores do Centro também desejavam editar uma revista chamada *Claridade*, que seria inspirada na *Clarté* francesa e tinham

33 OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. Pela reforma, contra a revolução: notas sobre o reformismo e o colaboracionismo na história do movimento operário brasileiro na Primeira República. *Revista Crítica Histórica*, Maceió, n. 5, p. 26-59, jul. 2012.

34 Isso ocorreu, por exemplo, no Partido Comunista do Uruguai, que nasceu de uma cisão do Partido Socialista daquele país. Para uma história da formação do PCU, através de relatos de um dos seus fundadores, ver GOMEZ, Eugenio. *Historia del Partido Comunista del Uruguay hasta el año 1951*. Montevideo: Editorial Eco, 1990. (a edição original é de 1961).

35 *A Hora Social*, Recife, p. 2, 18 maio 1920.

em vista formar uma comissão de propaganda filiada ao Grupo Comunista Zumbi, sediado no Rio de Janeiro, para promover a difusão dos princípios comunistas. Também era necessário montar uma tipografia para produzir os seus materiais de divulgação. Além disso, o CES deveria ter uma sede própria, o que seria uma “condição ‘sine qua non’ de seu sucesso”.

Como os propositores do CES não eram proletários, havia, nessa proposta inicial, o alargamento do conceito de operário para além das atividades manuais, “porque, realmente, proletários somos nós outros empregados públicos, professores, jornalistas. E o somos porque, constrangidos pela nossa necessidade de viver, vendemos nossa força de trabalho a troco de um salário qualquer”. Dentro desse conceito mais amplo, os organizadores do Centro procuravam mostrar como o trabalho intelectual e o trabalho manual partilhavam de uma mesma natureza, sofrendo com as desigualdades de classe, o que concitava todos os tipos de trabalhadores a unirem forças para lutar por uma ampla mudança social:

Somos produtivos sim. Verdade é que vezes muitas, segundo o nosso ponto de vista, o nosso trabalho se torna negativo, o nosso esforço resulta nulo, quiçá contraproducente, a nossa produção aniquilada em virtude da própria engrenagem social burguesa. É o caso do professor socialista que se vê constrangido, por força do cargo, a ensinar a ciência e a moral oficiais. Mas, doutro lado, acontece o mesmo com o operário, isto é, com o trabalhador manual.

É o caso do sindicalista que fabrica canhões e carabinas para o exército, sabres e “nagants” para a polícia e “casse-tét’s” para a guarda civil, instrumentos com que terá de apanhar ou morrer. Mas essa anomalia que desvia para um fim contrário a sua produção, não destrói a natureza intrínseca do trabalho, que continua sendo produtivo.

Esperamos, pois, camaradas, que só o Trabalho Solidário terá o poder de unir-nos e fraternizar-nos. E o caminho dessa união fraternal é sem dúvida nenhuma o CENTRO DE ESTUDOS SOCIAIS.

Pelo Trabalho e pelo Estudo venceremos a burguesia, que não trabalha e nem estuda tampouco³⁶.

Assinavam essa proposta nomes como os de Antônio Correia, Olivério Dupont, Cristiano Cordeiro e Rodolpho Coutinho. Os dois primeiros colaboravam com o *A Hora Social*, jornal da Federação de Resistência, cujo redator-chefe era Correia. Os dois últimos eram primos, Cordeiro era um estudante interessado no Marxismo, e Coutinho havia se tornado bacharel na Faculdade de Direito de Recife, onde estabelecera relações com o Professor Joaquim Pimenta. No ano anterior, alguns intelectuais próximos ao movimento operário, como Cristiano Cordeiro e Rodolpho Coutinho, já haviam tentado formar um Centro de Estudos Marxistas, mas esse grupo só se articularia de forma mais orgânica em 1920, através do CES. O Centro dotaria a intelectualidade socialista de Recife de um projeto conjunto voltado para o trabalhador manual e intelectual, através de um esforço de conscientização que teria como fim último propagar a Revolução Social³⁷.

No dia 18 de maio, seria realizada a primeira sessão preparatória do CES, com a participação de grande número de sociedades operárias. Cristiano Cordeiro, que foi eleito secretário geral, fez um discurso em que falou do socialismo e da necessidade da união dos trabalhadores “do músculo e do cérebro”, e o local para essa junção seria justamente o Centro de Estudos Sociais³⁸.

36 **A Hora Social**, Recife, 8 maio 1920, p. 1.

37 Cristiano Cordeiro conta que se aproximou do movimento operário antes de se tornar estudante, em 1913, mas esse contato teria se intensificado durante seu bacharelado. Quanto à sua relação com Pimenta, afirmou que foi por um pedido seu que o professor começou a colaborar com os sindicatos de Recife, por ocasião de sua mediação na greve de 1919. Cf. CORDEIRO, Cristiano. Depoimento a Ricardo Noblat..., *op. cit.*, p.81-88.

38 **A Hora Social**, Recife, 22 maio 1920, p. 3.

Nessa mesma reunião, foi votada uma moção de apoio a Joaquim Pimenta, que estava envolvido em uma polêmica contra a Igreja Católica.

Foi justamente Pimenta um dos pomos da discórdia para as associações operárias de Pernambuco durante esse período. A fundação do CES parece estar ligada diretamente a essa divisão dos trabalhadores de Recife em dois partidos antagônicos, já que um dos seus objetivos, expressos em seu projeto de fundação, era de desfazer o mal-entendido existente no meio libertário com a distinção entre operários e intelectuais (e os que pretendiam levantar barreiras entre esses dois tipos de militantes)³⁹. Como havia apontado anteriormente, em setembro de 1920, as duas tendências chegariam a um acordo com a formação de uma nova federação sindical, a União Geral dos Trabalhadores, que editaria um jornal chamado *A Vanguarda*.

De qualquer forma, o novo arranjo entre ‘canellistas’ e ‘pimentistas’ para dar cabo das divisões no movimento operário pernambucano parece não ter surtido muito efeito por razões alheias aos trabalhadores organizados. A partir de setembro de 1920, abriu-se uma nova fase de desorganização das associações operárias, pois se intensificou a repressão sobre os militantes pernambucanos. Enquanto a oligarquia local chegava a um acordo, encabeçado pelo Presidente do Estado, José Bezerra⁴⁰, que ficou conhecido como Paz e Concórdia (e que a população apelidou de Pau e Corda), havia um fechamento dos espaços de mobilização para os trabalhadores. Um exemplo desse momento de intensificação de arbitrariedades foi a invasão, no dia 26 de setembro, da sede da União Cosmopolita, da Construção Civil e do *A Hora Social* (que ficou sem editar novos números durante 40 dias), sob pretexto de uma ameaça de greve geral por parte do proletariado de Recife.

Conforme mostra Antônio Paulo de Moraes Rezende, em sua dissertação *A Classe Operária em Pernambuco: cooptação e*

39 *A Hora Social*, Recife, 8 maio 1920, p. 1.

40 José Bezerra havia vencido as eleições estaduais de 1919 e substituiu o General Dantas Barreto. Cf. REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *Aspectos...*, op. cit., p. 40.

resistência (1900-1920), a partir dessa conjuntura, houve uma projeção cada vez maior da figura do Professor Joaquim Pimenta entre os operários⁴¹. Antônio Canellas não estava mais em Recife, e o grupo dos sindicalistas “puro” ficou cada vez mais isolado. Pimenta se valeu de sua força entre os trabalhadores e seu difuso discurso nativista, de caráter policlassista, para se projetar politicamente em disputas entre a elite pernambucana. Isso ocorreu durante o ano de 1921, quando lutava contra o “Orçamento Monstro” apresentado pelo governo estadual, que prejudicava os comerciantes varejistas, e em suas demandas a favor dos fornecedores de cana-de-açúcar contra os poderosos usineiros.

Nesse mesmo ano, Joaquim Pimenta e alguns militantes que faziam parte do Centro de Estudos Sociais, como Antônio Correia e Alcides Rosa, passaram a integrar o Grupo Clarté. A associação, fundada no Rio de Janeiro, reunia militantes operários, intelectuais e políticos reformistas e passou a editar uma revista homônima a partir de setembro de 1921. Nesse periódico *Clarté*, que se apresentava como um projeto para esclarecer e educar os trabalhadores, publicavam-se artigos com propostas de reformas sociais, com notícias dos avanços apresentados pela Rússia revolucionária e duras críticas aos militantes libertários. Em certos aspectos, os propósitos do Grupo Clarté se aproximavam das propostas do Centro de Estudos Sociais, criado no ano anterior. Para além de um prolongamento do projeto do CES, a ação de Joaquim Pimenta e de seus correligionários pode ser entendida também como a construção de uma alternativa de socialismo reformista que integrasse parte das pautas que eram defendidas pelos militantes revolucionários, o que poderia lhe conferir mais legitimidade perante os trabalhadores. O fato foi que, a partir desse momento, passou a existir mais diferenciação dentro do grupo dos ‘pimentistas’, já que outra parte dos intelectuais e dos militantes operários que integravam o Centro de Estudos Sociais iniciou as primeiras articulações para formar o Grupo Comunista de Recife.

Nesse período, em fins de 1921, as associações operárias da

41 REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. *A classe operária...*, op. cit., p. 146-164.

capital pernambucana passavam por um novo momento de reorganização: no dia 13 de setembro, Joaquim Pimenta fundou o jornal *O Diário do Povo*, do qual ele era o editor, juntamente com seu sogro Raul Azedo. O diário era apresentado como “órgão dos interesses coletivos de Pernambuco” e trazia uma Coluna Operária, onde as organizações de trabalhadores poderiam publicar suas notícias. Mais ainda, conforme o próprio periódico, esse seria um espaço para propagar as ideias políticas e agitar a classe trabalhadora⁴². Nesse jornal, foi publicada, no dia 22 de setembro de 1921, uma longa carta de Astrogildo Pereira noticiando a formação e pedindo apoio para o Comitê de Ajuda aos Flagelados Russos, que havia sido formado no Rio de Janeiro para ajudar as vítimas da guerra e da fome na Rússia. No dia seguinte, ocorreu a reunião que formou a seção recifense desse Comitê, que tinha Cristiano Cordeiro como secretário, Rodolpho Coutinho, como tesoureiro, além de Eusébio Manjon, José Bezerra, Alexandre Vieira, José Elesbão, Adolfo Correia e José P. Lyra. Na notícia de sua fundação, também se afirmava que haviam sido formadas comissões de delegados nos diversos grupos de trabalhadores⁴³.

No dia 25, João Simplício publicou um longo texto sobre a solidariedade revolucionária e a importância de ajudar os famintos do Volga, enquanto o Comitê de Ajuda publicava uma longa lista de delegados entre os principais sindicatos da capital (dos Gráficos, dos Alfaiates, de Resistência, dos Panificadores, dos Metalúrgicos, da Liga Mista, dos Estivadores, dos Veículos, além de associações operárias dos Bairros de Pina e do Campo Grande) e uma Comissão para o Interior⁴⁴. O grupo organizou no domingo, dia 9 de outubro, um grande festival na localidade de Fernandinho, com piquenique e exibição de luta greco-romana, e no dia 30, organizou-se um espetáculo teatral no Bairro de Pina. Ambas as iniciativas tinham o objetivo de arrecadar fundos para enviar aos flagelados da Rússia, agregando mais trabalhadores e

42 **Diário do Povo**, Recife, 13 set. 1921, p. 2.

43 **Diário do Povo**, Recife, 24 set. 1921, p. 1.

44 **Diário do Povo**, Recife, 25 set. 1921, p. 1-2.

organizações para a iniciativa⁴⁵. O Comitê também distribuiu exemplares do jornal *Solidariedade*, feito exclusivamente para auxiliar os flagelados e que podia ser comprado na redação do *Diário do Povo*⁴⁶.

O Centro Comunista surgiu no dia 4 de dezembro de 1921. O *Diário do Povo* noticiou sua formação, informando que ele contava com os elementos mais avançados do movimento socialista pernambucano, tendo apoio do operariado organizado, de muitos estudantes e intelectuais. A fundação obedecia a um plano dos militantes do Rio de Janeiro, que planejavam a realização de um Congresso de onde nasceria o Partido Comunista Brasileiro, Seção da III Internacional. As adesões e as informações poderiam ser conseguidas através de Máximo (um dos pseudônimos de Cristiano Cordeiro), secretário do Centro, e o endereço para correspondência era a Coluna Operária do *Diário do Povo*⁴⁷.

O Centro Comunista foi fundado a partir da ação preponderante de Cristiano Cordeiro, conforme ele próprio explicaria em depoimento posterior. Observando de forma retrospectiva, pode-se supor que o Centro Comunista tomou forma a partir do Comitê de Ajuda aos Flagelados Russos, composto basicamente de membros do Centro de Estudos Sociais, e que, através desse Comitê, havia-se conseguido restabelecer relações com as organizações operárias de Recife. Como vai se recordar anos mais tarde Cristiano Cordeiro, o Centro Comunista contava com a participação de membros da pequena burguesia, como o próprio Cordeiro e o farmacêutico Pedro Coutinho, e operários, como José Francisco de Oliveira, carregador de carvão nas docas, José Bezerra da Silva, carroceiro, e Caetano Machado, padeiro. Essa configuração social já estava presente em agrupamentos anteriores, como o próprio Centro de Estudos Sociais⁴⁸.

O *Diário do Povo* teve um importante papel nesse processo, já que Max, melhor dizendo, Cristiano Cordeiro, era um colunista

45 **Diário do Povo**, Recife, 7 out. 1921, p. 1.

46 **Diário do Povo**, Recife, 20 nov. 1921, p. 2.

47 **Diário do Povo**, Recife, 6 dez. 1921, p. 2.

48 CORDEIRO, Cristiano. Depoimento a Ricardo..., *op. cit.*, p. 83.

frequente da Coluna Operária desse jornal. Além disso, tanto o Comitê de Ajuda quanto o Centro Comunista tornavam públicas suas atividades através do diário de Joaquim Pimenta. Essa relação tão próxima entre o novo grupo comunista e o *Diário do Povo* levantou uma questão: qual a relação do socialismo reformista com o comunismo nesse momento de definição de posições?

Diferentemente do que ocorreu no Rio de Janeiro, por exemplo, os comunistas de Recife ainda mantiveram uma relação bem próxima com um líder reformista, que deu espaço, através de seu jornal, para que eles continuassem fazendo propaganda de suas atividades. Mesmo que Pimenta e os jovens comunistas tivessem projetos, em última instância, muito distintos entre si, isso não parece ter sido problema para que essa colaboração continuasse. Através do *Diário do Povo*, Cristiano Cordeiro publicou sua longa conferência “Doutrina Contra Doutrina”⁴⁹, na qual reforçava o papel do socialismo marxista como orientação revolucionária. Também foi através desse jornal que se oferecia a assinatura da revista *Movimento Comunista*, publicada pelo Grupo Comunista do Rio de Janeiro.

Nos primeiros meses do ano de 1922, Joaquim Pimenta estava em plena campanha pela candidatura presidencial de Nilo Peçanha contra Artur Bernardes, e apoiava José Henrique Carneiro da Cunha para o governo de Pernambuco. Mesmo que os comunistas não apoiassem essas iniciativas, a força do *Diário do Povo* (e de seu editor) devia pesar como um fator importante para que o grupo não se desvinculasse totalmente de Joaquim Pimenta. Prova disso é que, mesmo depois da fundação do PCB, em abril de 1922, seus militantes continuaram publicando suas atividades no *Diário do Povo*⁵⁰.

Em relação à disputa eleitoral, Cristiano Cordeiro faz menção

49 Publicado no *Diário do Povo* em 10 fragmentos, do dia 24 de janeiro ao dia 4 de fevereiro de 1922. O texto pode ser encontrado, na íntegra, no segundo número da *Revista Memória e História*. Ver. CÔRDEIRO, Cristiano. Doutrina Contra Doutrina. **Memória e História**: Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro, São Paulo, LECH, p. 89-109, 1982.

50 Havia informações do Centro Comunista nos números do *Diário do Povo* que estavam disponíveis para pesquisa, pelo menos até agosto de 1922.

ao efeito bastante negativo que teve o apoio de Joaquim Pimenta a Nilo Peçanha e a Carneiro da Cunha entre os membros do Centro Comunista, pois eles procuravam se desvincular dessas propostas políticas, mas não desejavam romper com o professor socialista. O desfecho das eleições para Presidente da República, com a vitória de Arthur Bernardes, aprofundou os problemas políticos de Pernambuco, cuja situação já era tensa desde a morte do Presidente do Estado, José Bezerra, em janeiro de 1922. Durante esse período de crise política, Pernambuco esteve sob a ameaça de uma intervenção federal. Joaquim Pimenta, por sua vez, tentava engajar trabalhadores em prol de uma das facções em luta, visando a uma eventual revolta armada. A situação só se apaziguou quando os diversos grupos políticos assinaram um tratado de paz, em julho de 1922, no qual ficou decidido que o cargo de Governador seria ocupado pelo Juiz Federal Sérgio Loreto. Joaquim Pimenta foi preterido desse acordo, que ficou restrito aos membros da oligarquia. Como resultado, o professor passou a ficar isolado politicamente, e sua influência entre os trabalhadores sofreu um rápido declínio⁵¹.

Essa ‘saída de cena’ de Pimenta surtiria efeito sobre o Centro Comunista de Recife, que rompeu definitivamente sua ligação com o reformismo. Em outubro de 1922, os membros do PCB organizariam a 2ª Conferência Trabalhista de Pernambuco, da qual resultou a fundação de uma nova União Geral dos Trabalhadores⁵². Dessa forma, o movimento operário pernambucano tornou-se o primeiro do país a ser hegemônico pelos militantes comunistas, e isso se refletiu na própria composição de membros do Partido, que tinha em Pernambuco o segundo maior contingente em todo o país, com 45 militantes⁵³. O próprio Antônio Bernardo Canellas, o mais ferrenho adversário dos pimentistas e dos “adventícios” nas organizações operárias de Recife, tornou-se

51 REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **A classe operária...**, op. cit., p.175-187. Sobre a relação da crise política de Pernambuco com o quadro mais geral de instabilidade da República oligárquica, ver CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Difel, 1975, p. 27-43.

52 REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **A classe operária...**, op. cit., p. 187-191.

53 KAREPOVS, Dainis. **A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e Camponês (1924-1930)**. São Paulo: Tese de Doutorado em História/Universidade de São Paulo, 2002, p. 40-41.

um aderente de primeira hora do PCB e, desde a cidade de Paris, transformou-se no principal elo do Partido com as organizações comunistas do ‘Velho Mundo’. No final desse período de intensa mobilização social e de grande agitação política, coube aos comunistas organizarem o movimento operário pernambucano, que passou a ter nos militantes do PCB a sua principal referência política daquele momento em diante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os militantes operários pernambucanos viveram um período de grande engajamento político e sindical a partir da greve de 1917, principalmente na cidade de Recife, que foi palco de grandes manifestações de trabalhadores. Nesse contexto, surgiram novas possibilidades de engajamento, mas também apareceram disputas e rivalidades internas. A conjuntura, marcada por greves e pelo crescimento dos sindicatos, também fez surgir o antagonismo entre os libertários, os defensores do sindicalismo revolucionário e um grupo de militantes operários e intelectuais oriundos da Faculdade de Direito de Recife, que tinham como referência política o professor Joaquim Pimenta, a principal liderança socialista de Pernambuco. Esse grupo de militantes, entre os quais se destacava Cristiano Cordeiro, teve um papel importante a partir da greve de 1919, promovendo a fundação do Centro de Estudos Sociais em 1920. Uma parte desses militantes seriam os organizadores do Centro Comunista de Recife, em 1921, que viria a aderir ao PCB no ano seguinte e, posteriormente, romperia com a liderança reformista.

O surgimento desse grupo de militantes, que tinham características reformistas – por terem como referência política um líder socialista ligado às elites locais – e revolucionárias – por terem desenvolvido uma ação e um discurso radicais similares ao dos militantes libertários – tornou a conjuntura local muito rica e singular nesse período. Todo esse processo é um convite para um estudo mais aprofundado do movimento operário pernambucano e aponta a necessidade de problematizar cada vez mais os temas ligados ao surgimento da corrente comunista no movimento

operário brasileiro.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, Luiz Alberto Moniz et alii. **O ano vermelho: a Revolução Russa e seus reflexos no Brasil**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

BARTZ, Frederico Duarte. **Movimento Operário e Revolução Social no Brasil: ideias revolucionárias e projetos políticos dos trabalhadores organizados no Rio de Janeiro, São Paulo, Recife e Porto Alegre entre 1917 e 1922**. Porto Alegre: Tese de Doutorado em História/Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014.

BOLETIM DA COMISSÃO EXECUTIVA DO 3º CONGRESSO OPERÁRIO, São Paulo, n.1, ago. 1920.

BONOMO, Alex Buzeli. **O anarquismo em São Paulo: as razões do declínio (1920-1935)**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em História/Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

CANELLAS, Antônio Bernardo. **Relatório da viagem à Europa realizada por Antonio Bernardo Canellas em missão da Federação de Resistência das Classes Trabalhadoras de Pernambuco (21 de janeiro a 6 de setembro de 1919)**. Recife: Edição do autor, 1920.

CANELLAS, Antônio Bernardo. **Uma obra necessária: Conferência sistemática em propaganda da Colmeia, por Antônio Bernardo Canellas (resumo)**. Recife: Edição do autor, 1920.

CARONE, Edgar. **Revoluções do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Difel, 1975.

CHACON, Vamireh. **História das ideias socialistas no Brasil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

COLSON, Daniel. A crise do sindicalismo revolucionário na França e a emergência do fenômeno comunista. In: COLOMBO, Eduardo et al. **História do Movimento Operário Revolucionário**. São Paulo: Imaginário/São Caetano do Sul: Imes, 2004.

CORDEIRO, Cristiano. Depoimento a Ricardo Noblat. Memória e História: Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro, São Paulo, LECH, 1982.

CORDEIRO, Cristiano. Doutrina contra doutrina. Memória e História: **Revista do Arquivo Histórico do Movimento Operário Brasileiro**, São Paulo, LECH, 1982.

GOMEZ, Eugenio. **Historia del Partido Comunista del Uruguay hasta el año 1951**. Montevideo: Editorial Eco, 1990.

KAREPOVS, Dainis. **A esquerda e o parlamento no Brasil: o Bloco Operário e o Camponês (1924-1930)**. São Paulo: Tese de Doutorado em História/Universidade de São Paulo, 2002.

MOREIRA, Aloísio Franco. A greve de 1917 em Recife. **Clio: Revista de Pesquisa Histórica**, Recife, n.23, p.45-70, 2007.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. **Anarquismo, sindicatos e revolução no Brasil (1906-1937)**. Niterói: Tese de Doutorado em História/Universidade Federal Fluminense, 2009.

OLIVEIRA, Tiago Bernardon de. Pela reforma, contra a revolução: notas sobre o reformismo e o colaboracionismo na história do movimento operário brasileiro na Primeira República. **Revista Crítica Histórica**, Maceió, n.5, p.26-59, jul. 2012.

PIMENTA, Joaquim. **Retalhos do passado: fatos que vivi**

e episódios que testemunhei. Rio de Janeiro: Editor A. Coelho Branco Filho, 1949.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. Aspectos do movimento operário e socialista em Pernambuco. In. BEZERRA, Aurélio de Meneses et al. (org.). **Manifestações operárias e socialistas em Pernambuco**. Recife: NEEPD/UFPE, 2011.

REZENDE, Antônio Paulo de Moraes. **A classe operária em Pernambuco**: cooptação e resistência (1900-1922). Campinas: Dissertação de Mestrado em História/Universidade Estadual de Campinas, 1981.

ZAIDAN, Michel. Notas sobre a origem do PCB em Pernambuco: 1910-1930. BEZERRA, Aurélio de Meneses et al. (org.). **Manifestações operárias e socialistas em Pernambuco**. Recife: NEEPD/UFPE, 2011.

Fontes impressas – Jornais:

A Hora Social, Recife – 1919-1920.

Avante, Recife – 1920.

Diário do Povo, Recife – 1921-1922.

Tribuna do Povo, Recife – 1918 -1920.